



O GRANDE IMPERADOR

PELO

VISCONDE DE TAUNAY

Editora COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
(Weiszflog Irmãos incorporada.)

S. PAULO - CAYERAS - RIO





O GRANDE IMPERADOR

PELO

VISCONDE DE TAUNAY

Editora COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
(Weiszflog Irmãos incorporada.)

S. PAULO - CAYERAS - RIO



POESIAS
HEBRAICO PROVENÇAES DO
RITUAL ISRAELITA-COMTADIN

TRADUZIDAS E TRANSCRIPTAS POR

S. M. D. PEDRO II D'ALCANTARA (sic)
IMPERADOR DO BRASIL

INTRODUÇÃO

Aqui se offerece uma collectanea de poesias hebraico-provençaes, que, certamente, promoverá a curiosidade dos espiritos que se interessam pela lingua dos *félibres* (1).

Verá o leitor que este idioma pittoresco tão querido e tão estudado em nossos dias, e que o grande Mistral com os seus dignos collaboradores Aubanel, Roumanille, Gras, Gelu, Anselmo, Mathieu, Roumieux, Mouzin, Mauricio Faure, Bonaparte-Wyse, Bigot, J. Huot, Monné, Mariéton, Cruzillat, Marius, Girard, Astruc, o Padre Xavier de Fourvières, Arnavielle, de Berluc-Pérussis, Folco de Baroncelli, Langlada, Fourès, Paulo Arène, Tavan, Achilles, Mir, José Roux, o grande epico do Limousin e muitos mais — tomaram a peito de reviver — verá o leitor que esta lingua digna de apreço não era extranha aos modestos rabbinos contemporaneos de Saboly e de Belland de la Bellandière, este *félibre* encantador, esse Marot provençal quinhentista.

Estes canticos ingenuos, compostos para festas familiares, recordam os de Natal da Igreja Catholica e ainda em nossos dias são assaz divulgados nas quatro « comunidades » do antigo *Comtat Venaissin*:

(1) Poetas e prosadores filiados á escola litteraria constituida na Provença para a conservação do provençal e dos differentes dialectos da lingua *d'oc*, o antigo idioma do sul da França. A esta escola se dá o nome de *Félibrige* (A. de E. T.).

Avignon, Carpentras, L'Isle, Cavaillon, e em todas as comunidades destas derivadas quer na Provença quer no Languedoc.

Todos estes diversos canticos hebraico-provençaes procedem quando muito do seculo XVI ou do XVII; anteriormente a esta época delles não ha o menor vestigio.

Além disto a composição destes *piouts* é attribuida a certo Mardocheu. Acaso seria elle um Mardocheu Venture⁽¹⁾ que, no seculo passado, vivia em Avignon? A admittirmos tal hypothese estas poesias não remontariam além do seculo XVI ou do XVII.

Seja como for a attribuição de todos estes *piouts* a um autor chamado Mardocheu não pode ser tida como duvidosa. Porque o apontamento das letras iniciaes de cada copla dá as consoantes do nome Mordechai (Mardocheu). As *obro-vigilias* cantam-se em casa á vespera da circumcisão no quarto da mulher que acaba de dar a luz, perto de sua cama, ornada de fitas e de flores e onde brilham os ricos presentes offerecidos ao recém-nascido.

Estes canticos, em que palpita a piedade antiga, enchem de jubilo a concurrencia numerosa de parentes e amigos e são como que os votos de boa vinda ao filho que acaba de nascer e sobre o qual a raça israelita funda novas esperanças de consolação e felicidade. *Os obros* proprios da festa do Purim ou de Esther. Cantam-se, de preferencia, no periodo que liga esta festa do termino, da perseguição de Haman á do final da perseguição do Pharaó, no Egypto.

(1) *Mardocheu Venture* e um tal *Isaias Vidal* são os editores da collectanea dos cantos liturgicos «comtadins» Seder Hakkontères «impressa em Avignon em 5525-1765. Na mesma data em 5527-1767 foi editada em Avignon por um tal Mardocheu Crémieux, o Ritual das orações diarias: o *seder Hatthamid* onde se encontra o *Cantico dos obros do Purim* assim como o nosso primeiro *Piout* de que indicamos algumas variantes (var. sob o texto).

Triumpho de Mardocheu, triumpho de Moysés, duas lembranças impereciveis para Israel!

O cantico «um cordeiro ou um cabrito: *had gadia*»⁽¹⁾ entoa-se á mesa familiar por occasião das duas noites de Paschoa e exprime o papel do poderio providencial nos acontecimentos tanto da vida dos individuos como da dos povos.

No apice de todas as acções humanas paira a justiça infinita que a cada qual recompensa segundo as suas obras.

Idéia consoladora para as victimas da violencia e da iniquidade! Fonte de força e coragem para a raça, sempre oppressa e que afinal só deve a independencia aos beneficios de civilisação moderna.

A versificação destas poesias é assaz irregular e de difficil definição.

O primeiro *Piout* dos *Obros* compõe-se de sete coplas de seis versos. Estes são em geral octosyllabicos, salvo quanto a alguns que só tem sete pés e rimam juntos.

E' a primeira estrophe irregular. Na quarta e a quinta o primeiro verso rima com o segundo são os quatro ultimos alternados.

Em todos os outros, pelo contrario, as quatro primeiras rimas alternam e as duas ultimas são contiguas.

O segundo *Piout* consta de seis coplas de sete versos. Estes são hexasyllabicos excepto quanto ao terceiro. Os ultimos de cada copla que apenas contém tres syllabas, e rimam entre si, tambem rimam com

(1) Este cantico tradicional acha-se inserto no Ritual das noites de Paschoa e é conhecido sob o titulo de *Haggada*, nome da parte homiletica do Talmud, de que procede (Seder Hakkontères).

o quarto. Quanto ao Piout para o periodo do Purim na Paschoa compõe-se de quinze coplas de nove versos desiguaes.

Os tres primeiros rimam entre si assim como o sexto e o setimo. O quarto e o quinto rimam com o oitavo que se repete e só tem cinco syllabas.

O *Had gadia*, cantico de um cabrito, apresenta-se mais regular. Escripito em chaldaico é simples exposição das consequencias remuneradoras que na Humanidade se encadeiam e nada de especial offerece sob o ponto de vista da versificação. O facto de se encontrar nesta collectanea provém de que, á mesa familiar, traduzem-no em provençal, lingua que certamente na Idade Media era o idioma habitual dos israelitas do Comtat e permaneceu em vigor na cerimonia das noites paschoaes entre os hebreus do antigo Comtat-Venaissin.

Esta pequena collectanea de poesias hebraico-provençaes que se offerece ao publico, será, assim o cremos, bem recebida, neste momento opportuno em que, solennemente, se celebra o centenario da annexação, do Comtat á França e em que se poderá ler, não sem interesse, uma das mais curiosas e originaes produções da lingua dos habitantes do antigo Comtat Venaissin.

A' nossa obra, bem modesta aliás, não bastará esta unica circumstancia para angariar as sympathias dos descendentes dos antigos *Comtadins* que hoje se contam entre os melhores patriotas francezes?

Quanto ao historico de meus estudos hebraicos comprehendidos com o fito de melhor conhecer a his-

toria e a litteratura dos Judeus, principalmente a poesia e os prophetas, assim como as origens do Christianismo, taes estudos remontam aos annos de paz que antecederam a guerra do Paraguay, em 1865.

Encetei-os durante as minhas permanencias em Petropolis com o Snr. Akerblom, judeu sueco. Mais tarde retomei-os com o Snr. Koch, ministro protestante, allemão preceptor do filho da Snra. Condessa de Barral, aia de minhas filhas.

Após a morte subita deste prosequi-os com o doutor Henning (fallecido em Darmstadt no anno de 1888) e desde 1886 com o meu sabio collaborador e professor de linguas orientaes, o doutor Christiano F. Seybold, com quem tambem continuei o estudo serio do arabe (outróra começado com o barão de Schreiner ministro da Austria no Brasil que eu já conhecia do Egypto). E o fiz não só por entendel-o indispensavel a quem deseja aprofundar-se nō hebraico como por causa de sua litteratura, muito rica e sobremodo interessante. Empreendi, tambem, a primeira traducção portugueza (á vista do original) das *Mil e uma Noites* que, no emtanto não está ainda muito adeantada.

Durante a minha ultima estada em Cannes o Grande Rabbino B. Mossé⁽¹⁾ de Avignon proporcio-

(1) Nota do editor: O Grande rabbino Benjamin Mossé official da Instrucção Publica, Fundador e Redactor chefe da *Famille de Jacob*, membro das academias de Marselha e de Madrid, autor de grande numero de obras exegeticas, litterarias, historicas e educativas. Entre outras da *Traducção litteral e litteraria dos Psalmos*, da *Historia das Mulheres da antiguidade judaica*, e recentemente da *Vida de Sua Magestade Dom Pedro II, Imperador do Brasil*.

Nota do Dr. C. Fr. Seybold: No momento de se entregar ao prelo estes originaes soubemos, por intermedio do Snr. Kahn, grande rabbino em Nimes, e actualmente de passagem em Vichy, por algumas semanas, que um hebraisante de Nimes, o Snr. Sabatier, já tentara — sob o seguinte titulo: *Chansons hebraico-provençales des juifs comtadins réunies et transcrites par E. Sabatier. Nimes A. Catélan, libraire, 1874* (esgotado o raro e sem o texto hebraico em confronto) — já emprehendera o trabalho que offerecemos ao publico e é obra pessoal de Sua Magestade, o Snr. Dom Pedro II, pois affirmamos que nunca Sua Magestade, nem nós mesmo tivemos noticia do trabalho do Snr. Sabatier. 3 de agosto de 1891.

nou-me o ensejo de conhecer o interessante *Ritual* «*Contadin*» que encerra estes textos mixtos muito curiosos. E quiz ainda compartilhar da sua impressão. E' como amator, já antigo do «félibrige» que tomei a peito a publicação destes trechos hebraico-provençaes offerecidos á *Societé félibriste* no momento das grandes festas do centenario deste outomno.

Dom Pedro d'Alcantara

Vichy, primeiro de agosto de 1891.

PRIMEIRO PIOUT

Poesia synagogica para as vesperas da Circumcissão, metade em hebraico e metade em provençal (escripto em caracteres hebraicos).

Traduzida e transcripta

por Sua Magestade o Sur. Dom Pedro II, Imperador do Brasil.

Descerro os labios jubiloso
Cantaren deman à dina
 Caiba-nos compartir do temor do Eterno
Ca co è lou gran mestré⁽¹⁾
 Louvarei pois ao Deus Supremo
De sur tambourin e viouloun
Abram é esta commenda
 De cortar a carne do seu prepucio
A Dieu n'ausé pa refusà
 De circumcidar a carne da sua vergonha
Tres jour apré fuguè malaou,
 E Elle lhe mandou os seus anjos
Lè recupè for voulonti
 Correu ao matadouro
Amé uno grando ameiti
 E disse: vão buscar agua
E aprè que fuguè tou prèst
Mangèroun desout l'aoubre fres

(1) Var Que aco es lou bon.

Manteiga de vacca e leite de ovelha
Mangéroun sen faire façoun
 Um novilho tenro e bom foi.
Pastou e fai fougassou,
 E elles disseram: numa epoca destas
Un béu fis à ta brassou
 Onde está Sara tua mulher
Aquello qué t'ai preparà?
 E eis que Sara comprehendia
L'angei qué Abram parlava
 E ella riu-se mas sem saber
E ello sé mouquava
 O rapaz, hoje circumciso
Qué siegié oun homé sagé
 Por misericordia, Deus, concede resgate
Que visqué déoun bèu liage! ⁽¹⁾
 Deus em sua misericordia
Jamai Diéu giè mandarà maou!
 — Pela piedade dos paes nossos avoengos ⁽²⁾
 Reune os nossos dispersos (ó Eterno!)
 Poderoso em forças e grande em vigor
 Reconduz os nossos captivos
 E um dia Michael estará de pé
 E a Sião virá o Redemptor!

Cannes, 9 de abril de 1891.

(1) Var bon âge

(2) Var Pelo merito da alliança com o pae das multidões (Abra-
 hão).

SEGUNDO PIOUT

Poesia synagogica para as vesperas da Circumcissão,
 metade em hebraico e metade em provençal (em caracteres hebraicos).

Traduzida e transcripta

por Sua Magestade o Snr. Dom Pedro II, Imperador do Brasil.

Aquelle que a todos os viventes sacia
Tan qué avén lou cor gai

Cantemos!

Chascun soun noun bendira

Na harpa e o decadordio

Lou matin e lou soir

Passemos a vigilia a cantar!

Elle tem as nuvens como carro

Un veiré plen de vin

A' mão direita

Après soupa e dina

Bendigamos, em altas vozes,

Chascun pichot e grand,

Rejubilantes

Os seus preceitos (os de Deus) são dez

Coumando la Thora (Lei)

Oralmente

Laouzén Dieu amé respé

As graças de Deus, celebremol-as

Sei graci, de bon cor,

E pela bocca!
 Este copo (de vinho) intitulado improprio (á benção)
Sé ya begu dungun
 Não se aproximará (de nossos labios)
Prénés de vin au baraou
 Enchamos outra taça!
E poui suivan la lei,
 Será agradável
 Que (elle) abençoe o ancião
O un qué maï ancien
 Em sabedoria
Serà lou plus estima
 De todos os convivas
En plaço de rabbin
 Que apraza!
 O Deus vivo (é o) escudo de minha cabeça
L'enfan què è circounci
 No oitavo (dia)
Per cregné Dieu siégié na
 Noite e dia
Lou veiré à la man
 Em signal de jubilo

Cannes, 1 de maio de 1891.

TERCEIRO PIOUT

Os OBROS (ás vespas) do Purim (festa de Esther)
 Poeta synagogica para as vespas da Circumcissão,
 semi hebraica e semi provençal (em caracteres hebraicos).
 Traduzida e transcripta
 por Sua Magestade o Snr. Dom Pedro II, Imperador do Brasil.

Descerro os labios em signal de jubilo
 — *Gran Diéu dou Ciel que pertou doumina*
 Celebro-Te o nome, Deus, habitante do Palacio celeste
 — *Laouzén à Dieu lou tout Pouissan*
 Nosso guardião não dorme nem toscaneja
 — *Cantén l'históri*
 — *Veïren la vioutori*
 Havia em Suza
 Havia em Suza

Mardochéu, homem judeu
 — *A tout jamai soum noum sera bendi*
 Da parte do Eterno, escudo para mim;
Esther lou fague prouspera
 E para os Judeus elle foi um luzeiro
 — *Lá ben-aïma dou*
D'aoub rei ceronadou
 Esplendor e magnificencia
 Esplendor e magnificencia

O começo de sua historia foi um escripto
Quan declaré lei secret de Bigthan ⁽¹⁾
 No livro dos reis dos Medas foi posto em sigillo
 — *Lou rei voulién enpouïsoua*
 E foi revelada ao Rei em verdade
 — *A la poutenci*
 — *Fagué sa sentenci*
 — Jubilemos com a sua ruina
 Jubilemos com a sua ruina!

A ordem do Rei foi dada
 — *Que chascun fagué ounour à Haman*
 Porque acima de todos os principes o seu throno se eleva
 — *Mordekhai nen fai ges d'état*
 Para a palavra do rei elle não pendeu o ouvido
Haman se fagiava
Amé lou rei fagiava
 O nosso pé claudica,
 O nosso pé claudica!

Quanto Mardocheu a isto ouviu
E tou lou puple fughé alarmá
 Elles amargamente clamaram que era dia de pavor
Nen fagué averti Esther
 Perante o Rei, hoje elle supplicará
 — *De espetacle*
 — *Moustrara miracle*
 O Deus insondavel,
 O Deus insondavel.

(1) O eunuco da Corte: Esther 2, 21, 6, 2, comps. 1, 10, de *bag-dana* em persa antigo = Deodato de *baga*, em slávo bog, Deus, e *dána* = donum.

No terceiro dia ella vestiu-se
 — *Lou rei vaï trouva amé li zieu bas*
 Aquelle que habita os Céus fere e cura!
 — *Li donné sa verge à la man!*
 Que pedes? (Esther) porque tudo está prompto (para ti)
 — *A la dinadou*
Tambem preparadou
 Que elle venha com Haman,
 Que elle venha com Haman

Estão elle a vê e lhe fala
 — *Haman s'en vaï coumou un desespera*
 Contra Mardocheu sua colera se inflamma
Lou, conseillé de faire encine
 De fazer uma forca de cincoenta covados de altura
 — *E faire pendre*
 — *Senso plus attendre*
 O Santo dos Santos
 O Santo dos Santos! ⁽¹⁾

Sobre elle paira a nuvem (divina)
 — *La niou lou rei fughé destressouna*
 Haman vem ao pateo exterior
 — *Agué l'escornou tout de lon* (longe)
 E Mardocheu procurando o bem e a paz
 — *A chivaou montou*
Et Haman plein de ountou
 — Vergonha e ignominia,
 Vergonha e ignominia

(1) Mardocheu.

*Un escu, douz escu,
Had gadiâ! had gadiâ!*

*Es vengu Hakkadoss Baruch Hû
Qué (sahata) l'Ange de la Mort,
Qué avié sahata lou Sohet,
Qué avié sahata lou biauou,
Qué avié begu l'aïga,
Qué avié amoussa lou fiau,
Qué avié brula lou bastoun,
Qué avié battu lou cin,
Qué avié mordu lou ca,
Qué avié mangia lou cabri,
Qué avié aciéta moun pairé.
Un escu, douz escu,
Had gadiâ! had gadiâ!*

Vichy, 30 de julho de 1891.

NOTA

Depois de havermos publicado as rápidas observações que servem de introdução ao opusculo de Dom Pedro II aqui traduzido e transcripto, recebemos de ignorado correspondente um exemplar do pequeno estudo do snr. Isaltino Costa sobre o mesmo assumpto: Pedro II/hebraista/contribuição para a comemoração do centenario de/nascimento do Imperador/. Estabelecimentos graphicos Bloch. Rua Constituição 38. (Rio) s. d. 12 pags. in 4.º.

No fim do opusculo uma nota nos informa que se trata de reprodução de um trabalho publicado pela primeira vez n' *O Estado de S. Paulo* em 10 de Dezembro de 1925. Era-nos desconhecida tal circumstancia. Consta de interessante e erudito estudo tendente a demonstrar que ao Imperador cabe ter sido o precursor dos estudos hebraicos no Brasil.

Diz o snr. Isaltino Costa:

«Um dos aspectos mais interessantes da intellectualidade do Imperador era a sua pronunciada affeição pelos estudos semíticos. A historia, a litteratura, a philologia e a philosophia daquelles povos nelle encontraram o seu magno cultor.

A lingua hebraica principalmente, mereceu de D. Pedro II um carinho preferencial. Essa preferencia se justificava em um espirito como o delle, sequioso de saber, amante das letras e das sciencias e eminentemente christão.»

E depois de um historico a respeito das vicissitudes da cultura hebraica no occidente refere-se á renascença da litteratura israelita.

«A essa renascença não podia ficar indifferente o Imperador que acompanhava «pari passu» o movimento litterario e scientifico europeu com o qual estivera sempre em contacto ininterrupto por meio de leituras e pelo commercio de idéas, que

*Es vengu lou bastoun,
A battu lou cin,
Qué avié mourdu lou ca,
Qué avié mangia lou cabri,
Qué avié aciéta moun païré.
Un escu, douz escu,
Had gadiâ! had gadiâ!*

*Es vengu lou fiau,
A brula lou bastoun,
Qué avié battu lou cin,
Qué avié mourdu lou ca,
Qué avié mangia lou cabri,
Qué avié aciéta moun païré,
Un escu, douz escu,
Had gadiâ! had gadiâ!*

*Es véngu l'aïga,
A amoussa lou fiau,
Qué avié brula lou bastoun
Qué avié battu lou cin,
Qué avié mourdu lou ca,
Qué avié mangia lou cabri
Qué avié aciéta moun païré,
Un escu, douz escu,
Had gadiâ! had gadiâ!*

*Es vengu lou biauou,
A begu l'aïga,
Qué avié amoussa lou fiau,
Qué avié brula lou bastoun,*

*Qué avié battu lou cin,
Qué avié mourdu lou ca,
Qué avié mangia lou cabri,
Qué avié aciéta moun païré.
Un escu, douz escu,
Had gadiâ! had gadiâ!*

*Es vengu lou Sohét⁽¹⁾,
Qué a sahata (égorgé) lou biauou
Qué avié begu l'aïga,
Qué avié amoussa lou fiau,
Qué avié brula lou bastoun,
Qué avié battu lou cin,
Qué avié mourdu lou ca,
Qué avié mangia lou cabri,
Qué avié aciéta moun païré,
Un escu, douz escu,
Had gadiâ! had gadiâ!*

*Es vengu l'Ange de la Mort,
Qué a sahata lou Sohét,
Qué avié sahata lou biauou,
Qué avié begu l'aïga,
Qué avié amoussa lou fiau,
Qué avié brula lou bastoun,
Qué avié battu lou cin,
Qué avié mourdu lou ca,
Qué avié mangia lou cabri,
Qué avié aciéta moun païré.*

(1) O sacrificador, o degolador dos animaes de açogue.

mantinha com as figuras mais representativas das élites intellectuaes do Velho Mundo.

O interesse que despertavam a D. Pedro II as origens do christianismo, favorecido por um tal ambiente contribuiu para a realização dos seus desejos.»

Julga o snr. Isaltino Costa que as *Poésies hebraico-provençales* não foram objeto de commercio. Segundo ouviu de um rabbino de Pariz os seus exemplares foram distribuidos entre os amigos do seu imperial autor.

Terminando o seu interessante trabalho escreve o snr. Isaltino Costa:

«Cumpre-me acentuar, tratando das poesias traduzidas por D. Pedro II, que ellas pertencem ao genero «Piout» que busca seus motivos no «folklore» israelita ou na liturgia rabbinica. E' na vida popular judaica, nos seus soffrimentos, nas suas paixões, na sua resignação ou no seu desespero, que, os poetas judeus procuraram os temas para os «piotim».

Se são destinados a serem declamados nas synagogas, elles se inspiram nos prophetas, nas legendas hebréas, no elogio da virtude, na confiança em Deus e nos destinos de Israel e tendem a se approximar dos antigos cantos bíblicos.

Foi essa poesia lithurgica hebraica, composta parte em hebreu e parte em provençal, mas escripta em caracteres hebraicos, poesia cujos característicos são a concisão, a vehemencia e uma imaginação colorida, que mereceu as honras de uma traducção da parte de um rei desthronado, mas que possuia, nos dominios das letras e das sciencias, uma realeza incontestavel, unica que, até então fôra conferida a «une tête couronnée» pelo Instituto de França.

O Imperador foi no Brasil o precursor dos estudos hebraicos. Sómente muitos annos depois, entre 1893 e 1910, que surgiram os primeiros nucleos de estudiosos que por elles começaram a se interessar, ora por dilettantismo e ora como consequencia de uma necessidade imprescindivel para o conhecimento aprofundado do esoterismo e das philosophias que têm vinculos com a Kabbala israelita, doutrinas essas que, então, aqui se achavam em voga como reflexo do que então occorria em alguns centros intellectuaes da Europa.

No Rio esses estudos foram iniciados por officiaes do exercito e em São Paulo por alguns dos membros da «Esphinge», uma sociedade de estudos philosophicos e metapsychicos, hoje extincta, e que tinha então á sua frente um hebraista — Horacio de Carvalho e um hellenista — o fallecido senador José Luiz de Almeida Nogueira.

Foi ao contacto daquelles dois espiritos, influenciados com seus conselhos encorajadores, e sob a orientação do primeiro que varios membros daquela sociedade, creando animo, se consagraram ao estudo do hebraico. Infelizmente nem todos foram perseverantes, pois as primeiras difficuldades determinaram logo deserções.

Horacio de Carvalho publicou por esse tempo «O Kaf de João Ramalho», um interessantissimo trabalho consagrado pelos hebraistas francezes como uma obra de alto valor philosophico e impregnada de solida erudição.

O Mackenzie College, como estudo subsidiario á exegese biblica, creou, annos atrás, um curso de elementos de hebraico que esteve a cargo de um forte temperamento investigador — Erasmo Braga, autor de um apreciavel «Glossario Hebreu-Portuguez» (S. Paulo, Casa Vanorden, 1902), unico trabalho desse genero, penso eu, publicado no Brasil. Pouco antes e sob os auspicios daquelle mesmo estabelecimento de ensino, o saudoso humanista Santos Saraiva tinha publicado uma traducção dos «Psalms» directamente do original hebreu, valioso trabalho de exegese e critica que veiu á luz com a denominação de «Harpa d'Israel», (edição Vanorden, 1898).

O nome do Imperador ficará portanto vinculado para sempre á historia dos estudos judaicos na terra em que elle nasceu e tão profundamente amou.»